



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 CELEBROU 90 ANOS NO ÚLTIMO DIA 13 DE FEVEREIRO.

A SEMANA ACONTECEU EM SÃO PAULO, MAS AS IDEIAS CONTAGIARAM A INTELLECTUALIDADE NACIONAL QUE ANDAVA DE OLHO NOS MOVIMENTOS VANGUARDISTAS EUROPEUS, AO MESMO TEMPO EM QUE BUSCAVA UMA IDENTIDADE NACIONAL PARA A PRODUÇÃO CULTURAL BRASILEIRA.

DÉCADAS DEPOIS FOI CONSTRUÍDA A NOVA CAPITAL, BRASÍLIA, E O PROJETO MODERNISTA DE OSCAR NIEMEYER NÃO TINHA UMA LIGAÇÃO DIRETA COM O QUE FOI EXIBIDO DE ARQUITETURA NA SEMANA, MAS ERA UM LEGADO.

OS FRUTOS DA SEMANA DE 22 TAMBÉM RENDE- RAM OUTRAS PERSPEC- TIVAS. O TROPICALISMO TEVE INSPIRAÇÃO ASSU- MIDA NO "MANIFESTO ANTROPOFÁGICO", ASSIM COMO O TEA- TRO DE JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA E O CINEMA NOVO, DE GLAUBER ROCHA.



SEMANA DE 22 A Semana de Arte Moderna de 1922 celebrou 90 anos no último dia 13 de fevereiro. Para comemorar, jornais e revistas publicaram matérias sobre este evento que durou apenas quatro dias e marcou para sempre a história do pensamento modernista brasileiro. Um movimento que revelou o talento de escritores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a música de Heitor Villa-Lobos e foi marcado por textos como o Manifesto Antropofágico e livros como Macunaíma. A iniciativa foi uma explosão de ideias inovadoras que consagrou os talentos de Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, e foi abraçado pela sensibilidade poética de Manuel Bandeira. A Semana aconteceu em São Paulo, mas as ideias contagiaram a intelectualidade nacional que andava de olho nos movimentos vanguardistas europeus, ao mesmo tempo em que buscava uma identidade nacional para a produção cultural brasileira.

LINGUAGEM BRASILEIRA O pensamento modernista abriu caminhos para a permanente pesquisa estética, a atualização da inteligência artística do país e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Para a historiadora e crítica de arte Aracy Amaral, "(...) esses ideais buscavam a atualização de uma linguagem brasileira, voltada para a expressão do povo e da terra na qual ele se estabeleceu, tendo o mundo contemporâneo como referência, visando a uma expressão universalista".

NACIONALISMO Segundo Aracy Amaral, essa manifestação é consequência direta de alguns fatores conjunturais, entre eles o nacionalismo emergente da Primeira Guerra Mundial, o início da industrialização no país, associada ao entusiasmo com a preparação das festas do Centenário da Independência que estavam sendo organizadas pelo governo Epitácio Pessoa. Além disso, o cenário político e social do Brasil, naquela época, estava sendo pautado por movimentos contrários aos resquícios do paternalismo da Primeira República. Entre as muitas manifestações que marcaram a época estão a sublevação no Forte de Copacabana, em julho de 1922, a Revolução de 1924, em São Paulo, e finalmente a Revolução de 30.

MUDANÇAS Na visão de Aracy Amaral, a manifestação cultural da Semana de 22 constitui um registro da pulsação nacional, antecipando, por meio de ideias, a insatisfação que tomaria forma política contra o tradicionalismo e a aristocracia. Segundo ela, o grupo que rejeitava o arcaísmo estava em sintonia com o país que queria mudanças e os impactos da Semana de 22 atravessaram os anos 30 e se desdobraram pelos demais estados. Em São Paulo, essa irradiação resultou na inauguração da Escola de Sociologia e Política nos anos 30, no desenvolvimento de pesquisas sobre cultura indígena e folclore, na organização do Departamento de Cultura e da Biblioteca Municipal e na criação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

PERSPECTIVA HISTÓRICA Para a pesquisadora Marcia Camargo, autora do livro "Semana de 22", o movimento não teve importância e repercussão na época em que ocorreu, a não ser no próprio círculo de mecenas e artistas que o abraçou: "(...) Somente a perspectiva histórica permitiu entender de que maneira ele impactou toda a produção posterior. Décadas depois foi construída a nova capital, Brasília, e o projeto modernista de Oscar Niemeyer não tinha uma ligação direta com o que foi exibido de arquitetura na Semana, mas era um legado. Os frutos da Semana de 22 também renderam outras perspectivas. O tropicalismo teve inspiração assumida no "Manifesto Antropofágico", de Oswald de Andrade, evidenciada na música de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Mutantes; assim como o teatro de José Celso Martinez Corrêa e o Cinema Novo, de Glauber Rocha.

SOBREVIVÊNCIA SIMBÓLICA O professor de História da Cultura na USP e da Universidade de Harvard, nos EUA, Nicolau Sevcenko, entende que o contexto econômico da época é fundamental para se compreender a Semana: "(...) os preços do café estavam desabando após a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) (...) havia uma luta pela sobrevivência simbólica da elite em decadência. E os modernistas de 22 nunca quiseram romper com o status quo. Polarizavam, mas sem querer solapar. Muito diferente dos movimentos de vanguarda europeus".

NOVA MENTALIDADE Maria Eugênia Boaventura, professora de Teoria Literária da Unicamp, debruçou-se sobre um vasto conjunto de textos publicados entre fevereiro e dezembro de 1922, todos publicados no seu livro "22 por 22 - A Semana de Arte de Moderna Vista pelos seus Contemporâneos". Ela conta que "(...) na busca da emancipação cultural levanta-se o então chamado futurismo paulista, a quem a respeitabilidade de Graça Aranha dera "as mãos fortes". Aos gritos de "Independência! Originalidade! Personalidade!" começou-se a mudar o panorama das nossas artes (...) Essa barulhenta comemoração, na pior das hipóteses, impulsionou o ressurgimento, naquele momento, em São Paulo, de uma prodigiosa vida intelectual, que mais tarde se espalharia pelo país (...) Esta Semana tão comemorada não inaugurou o movimento, foi apenas a festa planejada para anunciar o engatinhar de uma nova mentalidade".

Fontes: Aracy Amaral, in: Artes Plásticas na Semana de 22; Maria Eugênia Boaventura, in: 22 por 22 - A Semana de Arte Moderna Vista pelos seus Contemporâneos; jornal Folha de São Paulo, 13/2/2012; revista do jornal Valor Econômico - Eu & Fim de Semana, 10, 11 e 12 de fevereiro de 2012.